

Os Docentes, a memória educativa e as (im)possíveis conexões com a Psicanálise.

Inês Maria M.Z. Pires de Almeida¹

RESUMO

Para Freud, o aparelho psíquico não é dado desde as origens, tempo e memória são elementos constitutivos da experiência subjetiva com os quais nos defrontamos em nossa existência. Se à primeira vista, perguntarmos pelas contribuições da Psicanálise à Educação, imediatamente surge a afirmativa freudiana sobre a impossibilidade de educar (governar e curar) que pode beirar ao pessimismo, mas ao procurarmos compreendê-la, principalmente, através da noção de transferência e identificação seremos levados a reconhecer *a impossibilidade de existir uma ciência positiva da Educação*. Freud (1913/1916), em muitos momentos assinalou a importância da memória, escrevendo que: *a psicanálise foi obrigada a atribuir a origem da vida mental dos adultos à vida das crianças e teve de levar a sério o velho ditado que a criança é o pai do homem* (p.185), parafraseando-o poder-se-ia dizer : “o aluno é o pai do professor”.

PALAVRAS CHAVE: pesquisa psicanálise e educação, memória educativa, transferência e identificação.

²O dispositivo da memória educativa fundamenta-se na busca da possibilidade de uma enunciação mínima, por parte dos professores atuantes, em formação e/ou outros profissionais do seu próprio saber e das implicações subjetivas contidas em suas escolhas, permitindo a produção de um conhecimento outro e de novas significações das vicissitudes enfrentadas, especialmente na instituição escolar, ao longo de sua formação. A arqueologia dos processos pedagógicos, insere-se em um modelo de formação que leva em

¹ Doutora em Psicologia, professora e vice-diretora da Faculdade de Educação - UnB (Brasília/DF)
Endereço: SHIN QI 14 conj 07 casa 11 Lago Norte CEP: 71 530 -070
Brasília (DF) . Fones (61) 368-3242 / 307-2130 . E-mail : almeida@unb.br

conta a dimensão histórica do *sujeito* como ponto de partida para vir a ocupar esse lugar na cena educativa.

Em outras palavras, é possível supor que o *sujeito* da Psicanálise (do inconsciente) *comparece* nesta produção, possibilita-se assim pensar em *efeitos* de (re)construção da identidade pessoal/profissional.

Trabalhar com a memória educativa é entender seus laços com a história de vida do sujeito, reconhecendo que é essencialmente subjetiva, que a lógica de seu enunciado é a emoção e transformação, ou seja, é preciso cuidado com a polifonia, com as formas com que são construídas as lembranças. Nas primeiras noções de Freud sobre trauma e memória, ele já advertiu sobre a diferenciação entre o *vivido* e aquilo que se *inscreve* no psiquismo, entre a infância e sua interiorização.

Para a Psicanálise, não precisamos da história para compreender o passado mas para suportar o presente e projetar um futuro possível, ou como assevera Tanis, B (1998) *o tempo e memória são elementos constitutivos da experiência subjetiva com os quais nos defrontamos em nossa existência*, é a perspectiva histórica na compreensão do sujeito e da própria teoria psicanalítica.

De outro modo, Pontalis (1979): “...aquilo que chamamos adulto, é modelado de uma ponta a outra pelos conflitos, traumas, fantasias e desejos da criança”.

...mas o pior estava por vir, o sonho acabou e eu fui para a primeira série, a professora era uma bruxa de nome D, só de falar nela sinto o medo hoje, depois de adulta. Aí começou o terror, ela era seca, enérgica, não podíamos conversar na classe, parecia um quartel...eu tinha uma grande resistência de ir até a escola...eu tinha que ficar lá e internalizei esse trauma e ele se

²Texto elaborado das atividades de ensino, pesquisa e extensão do Estágio de Capacitação (pós-doutorado) sob orientação do professor Dr Leandro de Lajonquière FE/USP-2003

refletiu na minha vida adulta...da segunda série até a faculdade era sempre oi com os professores, não tinha nem o até amanhã...” (graduando/ pedagogia)

Assim sendo, tem-se que para a teoria psicanalítica o aparelho psíquico não é dado desde as origens, obedece a um processo de constituição que não é exclusivamente maturativo, dependerá das experiências do sujeito. No capítulo VII da *Interpretação dos Sonhos*, Freud introduz a noção de que em nosso aparelho psíquico, permanece um traço das percepções que incidem sobre ele, que podem ser descritos como “traços mnêmicos”, e à função que com ele se relaciona damos o nome de *Memória*. Daí decorrem a importância das experiências infantis (inclusive as escolares) que se tornam constituintes do inconsciente e fontes de recalçamento. Assim atualmente é cada vez maior o número de pesquisadores que têm se utilizado do dispositivo de escrita das memórias de professores/estudantes para compreensão da prática docente.

Neste sentido, são interessantes alguns registros:

“..na primeira série a professora pediu que fizéssemos nossa apresentação, eu fui a última e para minha surpresa, assim que pronunciei meu nome foi uma risada geral, penso que até a professora riu...de imediato associaram ao cantor famoso...não gostei... meu nome havia me levado até às letras, as palavras (tinha sido alfabetizada por minha mãe contando histórias a partir das letrinhas dele!) depois de algum tempo ela pediu silêncio e perguntou por que o nome? Ao responder contei uma boa história, fui muito aplaudida e me tornei espécie de líder da turma...alguns anos depois na quinta série foi um horror...também viveria situação semelhante por causa do nome...” (pós-graduando/educação)

A memória, em toda sua complexidade guarda consigo a capacidade de resgatar o tempo-história, não como um tempo passado, *mas como um tempo inscrito nas entranhas do atual*. Ainda que, o movimento freudiano em direção ao originário visa uma perfuração de rochas para encontrar os momentos de cristalização, no “setting” clínico-analítico, por analogia e tão somente por ela,

talvez seja possível estendê-la ao se perscrutar os caminhos percorridos na (de) formação dos docentes via escritos da memória.

...”nos primeiros dias de aula foi muito interessante, carregava comigo a rigidez da disciplina militar, os alunos nem piscavam os olhos, a classe ficava em silêncio de tal maneira que o diretor procurou saber o que estava acontecendo..” (professor da rede pública estadual SP).

Dentre as ferramentas conceituais da Psicanálise a serem utilizadas na leitura dos memoriais, ressalta-se a noção de transferência em suas relações com o infantil.

Compreendendo a transferência como o modo particular pelo qual a subjetividade humana expressa sua constituição, a memória deixa de ser evocação para se tornar ato. Freud (1914) dirá em recordação, repetição e elaboração: “... *o analisando não recorda, em geral, nada do esquecido e reprimido, mas o atua. Não o reproduz como lembrança, mas como ação, repete-o, sem saber, e claro que o repete*” (p.152). *Repete, mas não da mesma forma, aí a possibilidade de inovação, de criação.*

De outro modo, a situação transferencial possibilita a emergência do desejo infantil, que carrega consigo as marcas da sua história de frustrações e realizações, de memória e amnésia. Ocorre um movimento interpretativo e reconstrutivo que re-significa, constrói a sua verdade histórica. Das memórias:

“ pouca coisa me lembro dos meus primeiros anos escolares...diz a minha mãe que antes mesmo de aprender a escrever ela me deixava perto do meu pai enquanto ele estudava compenetrado, eu rabiscava...ficava horas brincando de escolinha...sinto-me convencida que quero ser professora...” (graduação engenharia/ pós-graduando em educação)

“ tanto os professores mais agradáveis como os mais odiados pelos alunos, esbanjavam um certo encanto pela educação, amor pela profissão que, mesmo com anos de atividade e algumas decepções, nunca foi perdido...é esse amor que me move e me incentiva a enfrentar as

dificuldades e o preconceito da sociedade pelo fato de ter escolhido essa profissão, nobre mas desvalorizada...” (graduando pedagogia)

“...uma lembrança que marcou minha pré-escola foi quando peguei piolho e minha mãe resolveu o problema (dela), raspando minha cabeça, ou seja, fiquei literalmente careca em uma época em que esta prática não era comum...mas esta situação me deixou isolada das demais crianças, já que eu tinha vergonha de ficar com touca o tempo todo ou por “brincadeira” tiravam-me a touca, saíam correndo dando risada de mim” (graduando pedagogia)

Da realidade psíquica à verdade histórica : entende-se que não mais a recuperação de um passado tal qual fora vivido, permite-se que a história ganhe condições de simbolização por meio deste dispositivo, ganha um espaço no qual não correspondem o tempo histórico, cronológico das inscrições, dos acontecimentos e o tempo do inconsciente, da repetição, do après-coup, da re-significação.

Transformar a relação memória e prática docente, permite uma reorganização de forças – um campo dos possíveis e dos limites, de inspiração e desilusões, mas certamente uma referência.

“...é uma experiência diferente este exercício de pensar e buscar na memória o que fez parte da sua formação, quais vivências teve que influenciaram no modo de agir e de ver as coisas hoje...” (graduando/pedagogia)

“...tive a oportunidade de conhecer até o terceiro colegial excelentes professores que me marcaram por serem mais amigos do que professores...puderam me ensinar não apenas as matérias que lecionavam com um profissionalismo invejável, mas também conseguiam prever e ajudar em obstáculos que fui enfrentando na minha trajetória”. (graduando / pedagogia)

“...fui tomada de sentimentos variados, tanto tempo se passara...mas a madre T. desejava muito poder contar o quanto tinha ficado impregnado em mim seu jeito de tratar os alunos e, o quanto eu a copiei na minha profissão (pós-graduando)

“..no ensino médio tivemos uma professora que me marcou muito e acredito que ela é exatamente do jeito que eu gostaria de ser enquanto professora” (graduando pedagogia)

Desse modo, o cenário pedagógico propicia condições transferenciais que permitem reeditar sentimentos hostis e/ou afetuosos que podem impedir ou favorecer o reconhecimento da autoridade do professor para ensinar. A transformação da autoridade formal em autoridade real depende de um campo transferencial favorável à “relação” professor-aluno. A criança depende dos professores como dependeu dos pais, a sombra encobridora dos imagos parentais projetando-se na relação com seus professores, delineando-se os contornos da sedução intelectual, sedução esta fundada na vinculação erótica à autoridade do professor (a).

“...minha mãe me diz que quando era pequena eu não só gostava, como venerava minhas professoras... (graduando/pedagogia)

“...lembro-me que a disciplina era rígida, a professora colocava o aluno de castigo de joelho em cima de grãos de milho, se não tivesse bom comportamento na sala de aula isto no primeiro ano, no segundo e terceiro a professora usava vara de marmelo para bater nos indisciplinados e para aqueles que negassem fazer a lição, no entanto para o melhor aluno da classe, todo mês ele carregava uma medalha no peito, no final do ano o aluno que em maior número de vezes recebeu a medalha ficava com ela” (professor da rede pública estadual SP)

“...da sexta série, lembro que não suportava a matemática...se todos dizem que houve uma professora “bruxa” digo que esse foi um “bruxo” na minha vida...resultado foi a primeira reprovação, fugia da aula dele” (graduando pedagogia)

Compartilhando com alguns princípios sustentados por Lajonquière (1999) sobre as relações do adulto com o seu passado, permite-se concluir da necessidade de saber do passado para não morrer subjetivamente, ou seja, é preciso sustentar-se numa história, construir sua “*verdade histórica*”, produzir uma nova relação com o vivido, enfim, historizar o passado.

...”não tenho muitas recordações do meu passado educativo, principalmente de minha infância... infelizmente não consigo contar mais nada...tenho até vergonha de mandar este

pouquinho, por isso adiei tanto...você nem imagina o quanto foi difícil escrevê-lo” (professora do ensino fundamental rede estadual SP)

“...a proposta de escrever minhas memórias foi uma idéia muito agradável...lembro-me dos cheiros da pré-escola...de lápis, tintas, massinhas de modelar, livros novos...quando finalmente me vi dona de um livro grande daqueles, e, novinho, achei que realmente eu era muito importante! (professora da rede pública municipal SP)

À guisa de conclusão é possível pensar que o dispositivo de escrita da memória educativa, permite desencadear um processo pelo qual o professor/estudante possa fazer as pazes com a criança que está dentro dele, ou parafraseando os ensinamentos freudianos de que *a criança é o Pai do homem*, poder-se-ia dizer: *o aluno é o Pai do professor*.

Referências Bibliográficas

Almeida, I.M.M Z Pires de (2001), *Re-significação do papel da Psicologia da Educação na formação continuada de professores de Ciências e Matemática*, Tese de Doutorado, UnB/IP.

Almeida, S.F.C de (1994). Psicologia, Psicanálise e Educação: três discursos diferentes? In: Almeida, S.F.C de & Bucher,R (Org): *Psicologia e Psicanálise*, Brasília: Editora UnB, pp 19 – 31.

Freud,S (1893/1899). *Lembranças Encobridoras*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, v. III,1996.

_____(1900/1901). *A interpretação de Sonhos I e II*. Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, v IV e V,1996.

_____(1913) *Interesse Científico da Psicanálise*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, v. XIII,1996.

_____(1914) *Algumas reflexões sobre a Psicologia Escolar*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, v. XIII,1996.

_____(1925) *Uma nota sobre o Bloco Mágico*. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, v. XIX,1996.

_____(1925) *Prefácio à Juventude Desorientada*, de Aichhorn. In: Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, v. XIX,1996.

Kenski, V. M. (1993). Memória e Prática Docente. In: Brandão, C. R (Org.) *As Faces da Memória*, Coleção Seminários.

Kenski, V. M. (1998). Práticas interdisciplinares de pesquisa. In: R.V. Serbino (Org.) *Formação de professores*, São Paulo: UNESP. pp.309 - 320

Kupfer, M.C (2001). O Desejo de Saber: uma teoria freudiana da aprendizagem. In: *Freud e a Educação - o Mestre do Impossível*. São Paulo: Editora Scipione.

Lajonquière, L de (1999). A (Psico)pedagogia, a Psicanálise e a impossibilidade da educação. In: *Infância e ilusão (psico)pedagógica. escritos de psicanálise e educação*. Petrópolis: Vozes.

Monteiro, E.A (1999). *A Transferência e a Ação Educativa*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

Morgado, M.A (1995). *Da sedução na relação pedagógica*. São Paulo: Plexus.

Nóvoa, A (1992). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 2 edição.